JOÃO VICTOR DA COSTA ALECRIM
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizadores)

EDUCAÇÃO FÍSICA

Da Teoria à Empiria

EDITORA

EDUCAÇÃO FÍSICA

Da Teoria à Empiria

EDUCAÇÃO FÍSICA

Da Teoria à Empiria

JOÃO VICTOR DA COSTA ALECRIM
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Al1 ALECRIM, João Victor da Costa; SENHORAS, Elói Martins (organizadores).

Educação Física: Da Teoria à Empiria. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Educação. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-977111-5-4

1 -Brasil. 2 - Educação. 3 - Educação Física. 4 - Esporte. 5 - Estudos de Caso
I - Título. II - Alecrim, João Victor da Costa. III - Educação. IV - Série

CDD–370

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema *double-blind-review*.

EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 4

Cultura Indígena como Ferramenta Pedagógica nas Aulas de Educação Física

CULTURA INDÍGENA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fábio Júlio Serafim da Silva[1]

Quando falamos no eixo pedagógico estimulado pela Educação Física, notamos como o trabalho com o corpo e consequentemente com a cultura corporal, deve partir do princípio da inclusão, respeitando as vivências dos estudantes, pois este é social e histórico, e não adotando o processo de padronização dos corpos. A inclusão nas aulas de Educação Física não é voltada somente para os estudantes que possuem algum tipo de deficiência. Pensar a inclusão em uma nova perspectiva permite que todos os estudantes sejam incluídos nas aulas, desde os deficientes até mesmo os que não possuem deficiências, mas têm dificuldades durantes as aulas (FONSECA; RAMOS, 2017).

Dentro dessa nova perspectiva de inclusão, que não considera somente o estudante que possui alguma deficiência, mas inclui estes e também os estudantes que são excluídos das aulas por não serem habilidosos, os grupos de cultura marginalizada pelo processo de colonização, como por exemplo, a cultura afrobrasileira e a indígena são trabalhadas dentro das aulas de Educação Física, buscando a descolonização curricular deste conteúdo com a finalidade de uma educação democrática que atinja todos os grupos étnico-raciais, que por diversos momentos estiveram ausentes do processo educacional. Pensar nessa perspectiva ampla da inclusão é pensar em uma educação na perspectiva cultural – entender que os processos

[1] Professor da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEE-PE). Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail para contato: fabiojulioo.22@gmail.com

culturais são dinâmicos, particulares e que a escola deve respeitá-los, enquanto espaço democrático – e partindo do saber dos estudantes, tornando-os protagonista do processo (NEIRA, 2019).

O movimento corporal, que o estudante constrói fora da escola a partir das brincadeiras e atividades corporais vivenciadas pelo mesmo, torna-se um dos objetos das aulas de Educação Física. A partir da cultura corporal do estudante, o docente cria e desenvolve as aulas pautadas no mesmo.

A temática indígena se configura como um conteúdo a ser contextualizado no ambiente escolar e constitui um conhecimento que considera a diversidade cultural como algo presente no ambiente escolar. Além disso, propõe uma melhor convivência e diálogo entre os diversos grupos sociais, objetivando uma tendência de educação intercultural. Nesse sentido, é relevante a produção acadêmica sobre as práticas corporais indígenas, no sentido de nos revelar uma possibilidade pedagógica ainda pouco explorada para a educação física escolar, disciplina que necessita de mudanças em sua prática pedagógica simbolizada como prática de esportes competitivos.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da inserção da cultura indígena nas aulas de Educação Física, justamente como um fator de diversidade, sempre levando em consideração o quanto esta cultura é importante e que a mesma não pode ser deixada de lado, valorizar não é apenas relatar oralmente, mas também estimular sua prática e alavancar um pensamento crítico dos alunos sobre o tema em questão.

Dessa forma, o trabalho com o corpo e a consequentemente com a cultura corporal, deve partir do princípio da diversidade cultural, respeitando o arcabouço de vivências dos estudantes, pois este é social e histórico, e não adotando o processo de padronização dos temas. A inclusão de diferentes tópicos nas aulas de Educação Física não é voltada somente para analisar conteúdo da realidade

educacional em questão, mas também a inserção de novas culturas e principalmente a indígena que é tão importante dentro do nosso país. Pensar nessa inclusão em uma nova perspectiva permite que todos os estudantes possam vivenciar elementos de novas culturas e essa análise muitas vezes faça com que o mesmo possa estimular novas vivências dentro e fora do espaço físico da escola, levando uma aprendizagem significativa aos mesmos (FONSECA; RAMOS, 2017).

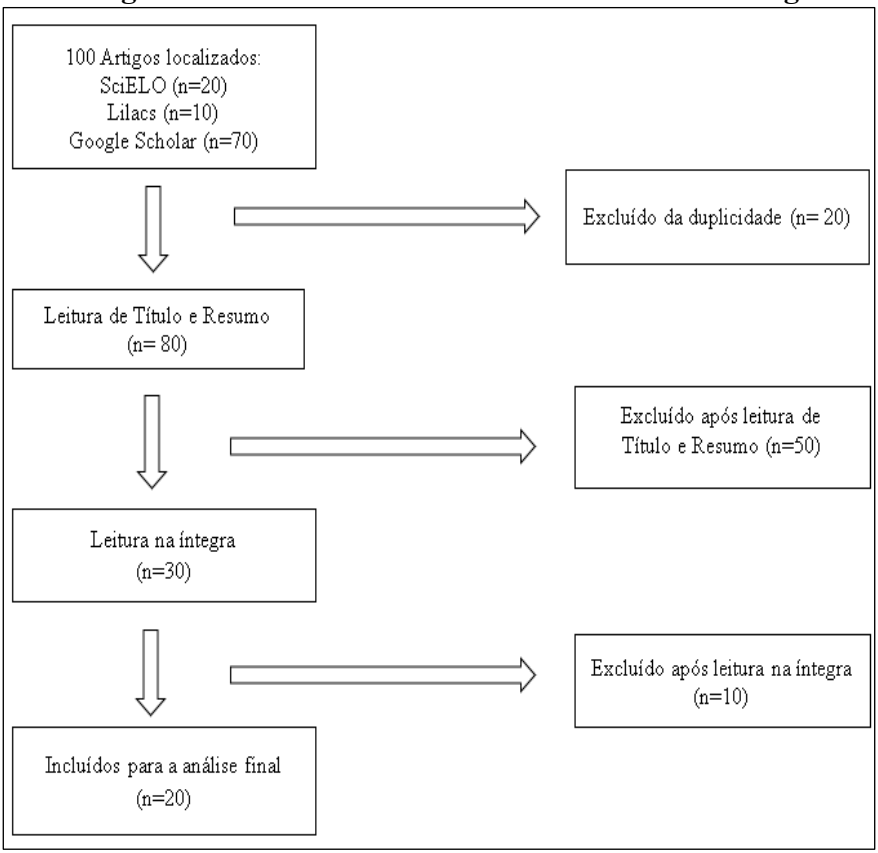
MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa de literatura, de abordagem qualitativa, fundamentada no método comparativo. A revisão integrativa possibilita reunir, analisar e sintetizar conhecimentos produzidos em estudos anteriores acerca de determinada temática, permitindo identificar aproximações, divergências e diferentes perspectivas presentes na literatura científica. Nesse sentido, esse método possibilita uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado, contribuindo para a construção de novas interpretações a partir de evidências científicas já disponíveis (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Para a realização do estudo, foram realizadas buscas e leituras de produções científicas relacionadas à temática investigada nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), além do Google Scholar como ferramenta de busca acadêmica. Foram utilizados como descritores e termos de busca: “Danças indígenas nas aulas de Educação Física”, “Diversidade na Educação” e “Cultura indígena”. Após a identificação dos estudos, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, considerando sua pertinência em relação ao objetivo

da pesquisa. O Fluxograma 1 apresenta as etapas do processo de identificação, seleção, inclusão e exclusão dos estudos analisado.

Fluxograma 1 - Processo de inclusão e exclusão de artigos



Fonte: Elaboração própria.

Os critérios de inclusão estabelecidos para a leitura e análise dos resumos compreenderam trabalhos publicados em língua portuguesa e que apresentassem abordagem relacionada à cultura

indígena no contexto das aulas de Educação Física, considerando-a como elemento relevante para o estímulo e a ampliação dos processos de aprendizagem dos estudantes. Foram priorizadas produções que reconhecessem a diversidade cultural indígena como parte constitutiva do processo de ensino-aprendizagem, valorizando seus conhecimentos, práticas corporais, costumes, tradições, modos de vida e formas de expressão cultural. Também foram incluídos estudos que discutissem a escola enquanto espaço de construção de conhecimentos, socialização, valorização da diversidade e desenvolvimento de práticas pedagógicas capazes de promover o reconhecimento e o respeito às diferentes culturas, especialmente a cultura indígena. Dessa forma, foram selecionados os trabalhos que apresentavam aproximação direta com a temática investigada e que contribuíam para atender aos objetivos propostos neste estudo.

Após a realização da leitura dos trabalhos selecionados inicialmente, foram aplicados os critérios de exclusão previamente definidos, com o intuito de garantir maior coerência e pertinência ao corpus da pesquisa. Foram excluídas as produções que não apresentavam relação direta com a temática da cultura indígena nas aulas de Educação Física, aquelas que não contemplavam o contexto educacional ou que abordavam a temática de forma dissociada dos objetivos estabelecidos para a investigação. Também foram desconsiderados os trabalhos que se enquadravam nos demais tópicos destacados no fluxograma anteriormente apresentado, conforme as etapas de identificação, triagem e seleção dos estudos. Esse processo possibilitou o refinamento dos resultados encontrados nas bases de dados, contribuindo para a composição de um conjunto de produções científicas mais específico e alinhado ao objeto de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Cultura indígena como elemento pedagógico da Educação Física Escolar

Os Jogos Indígenas devem ser incluídos no currículo das escolas e nas aulas de Educação Física por causa da Lei nº 11.645/2008 (legalidade) ou pelo fato de trazer em si um repertório de saberes do corpo e da cultura de movimento, poder e identidade (legitimidade). Em nossa perspectiva, acreditamos que a referida lei é uma possibilidade legal de iniciar um caminho de legitimidade dos jogos indígenas. Além disso, precisamos defender sua presença na escola não apenas pela legalidade, mas também pela legitimidade. Ao refletir sobre as teorias do currículo, afirma que a raça e a etnia não são simplesmente temas transversais, mas são questões centrais de conhecimento, poder e identidade. Inspirados em Silva (2015), podemos afirmar que inserir os Jogos Indígenas no currículo escolar não é somente tornar o currículo multicultural, e considerar os Jogos Indígenas como algo folclórico e exótico, mas torná-lo político, problematizá-lo na discussão sobre raça, etnia, gênero e sexualidade. Trazer os saberes indígenas para a escola reconhecendo as teorias críticas e pós-críticas do currículo, é focar na discussão das causas institucionais, históricas e discursivas que excluem esses saberes da escola (SILVA, 2015).

Ao longo de algumas décadas, as aulas de educação física eram pautadas em uma visão de corpo e de ser humano exclusivamente biológica. Essa tradição da área priorizava o desenvolvimento da aptidão física dos sujeitos.

> Nesse processo, a tarefa do professor não será a de propiciar a todos as mesmas oportunidades de acesso à cultura de movimento, mas a de descobrir os alunos biologicamente bem-dotados, burilá-los, a fim de que tenham oportunidades de chegar às equipes esportivas representativas da escola ou mesmo fora dela (DAOLIO, 1996, p. 41).

O desempenho e a participação dos alunos eram avaliados do ponto de vista de suas semelhanças biológicas, sendo desconsideradas as diferenças culturais e sociais, existentes entre os educandos. Segundo Oliveira e Daolio (2011, p. 05), antes da queda do período militar, as características das aulas eram destacadas dessa forma:

> [...] a ênfase recaía na repetição de exercícios físicos, de maneira que as técnicas corporais, tratadas de forma instrumental, pudessem ser executadas corretamente pelos alunos e se aproximassem do gesto técnico dos esportes de competição.

Oportunizar a compreensão de que as diferenças fazem parte do contexto em que a humanidade está inserida é tarefa dos educadores, de modo a viabilizar que o educando aprenda com o outro pela troca de saberes, possibilitando encarar o diferente como algo não inferior, mas uma possibilidade de ser humano. Segundo Pinto (2008), o interculturalismo considera as diferenças humanas como oportunidade de percebermos a riqueza que existe entre os diversos grupos culturais.

Levar os educandos a compreenderem estas diferenças como algo comum entre os seres humanos é fundamental em qualquer espaço de convivência, é tarefa relevante e complexa, e, sobretudo,

valiosa do ponto de vista da interculturalidade. Atualmente, endossar a valorização e o respeito às diferenças na educação e na Educação Física parecem não causar mais tanta resistência. No entanto, é preocupante imaginar que o cenário escolar ainda se encontra permeado por concepções que tangenciam certos, ranços naturalistas que, ao serem sinalizados nesta pesquisa, alcançam proporções que deflagram preconceitos, sectarismos e desigualdades de oportunidades (OLIVEIRA; DAOLIO, 2010).

Nesse sentido, as práticas corporais indígenas, ao serem considerados como conteúdo da Educação Física escolar, fundamentados na perspectiva intercultural, poderão viabilizar aos educandos um ambiente de socialização e um aprendizado de respeito às diferenças sociais, considerando o contexto cultural de que os sujeitos fazem parte. Exemplo disso são os jogos indígenas, o mesmo possibilita a construção da realidade pelos sujeitos que participam da ação, sendo a criatividade e a imaginação elementos presentes na dinâmica do jogar. O aluno pode aprender com o outro, no convívio, por meio de seus costumes, seus hábitos, seus modos de encarar as situações que emergem para a resolução de problemas e, dessa forma, pode vivenciar elementos de culturas diferentes, o que é algo muito relevante para a formação integral dos educandos (OLIVEIRA, 2007).

É de grande relevância o resgate de jogos e brincadeiras na educação e no processo de socialização, pois brincando e jogando os alunos estabelecem vínculos sociais, de modo a inserir-se no grupo e aceitar a participação de outros educandos, sem se preocupar de forma excessiva com a vitória a qualquer custo. O conhecimento de diferentes regras de jogos, de modalidades novas de brincadeiras, aliadas a outras já conhecidas em seus contextos indígenas de origem, são estratégias importantes de interculturalidade e apontam para possibilidades de aprendizagem de outras regras sociais e

valores culturais embutidos nos currículos escolares (TASSINARRI, 2010).

A temática da educação escolar indígena adquiriu importância acadêmica, compondo um campo de saber interdisciplinar, com um volume crescente de pesquisas realizadas e resultados compartilhados. O professor de Educação Física, ao trabalhar as práticas corporais indígenas em suas aulas, poderá viabilizar aos alunos o acesso ao conhecimento dos povos indígenas, as práticas corporais que esses povos realizam como seus jogos, brincadeiras e danças. O termo "práticas corporais", aqui abordado, estabelece relação com as ciências humanas e sociais, sendo manifestações humanas construídas historicamente e que fazem parte do cotidiano de determinada sociedade que, por sua vez, possui uma determinada cultura (ALBUQUERQUE, 2010).

Aulas de Educação Física: espaço para estimular novas aprendizagens

A diversidade cultural dos povos indígenas durantes os jogos podem ser vistos nas plumagens, pinturas corporais, danças e nos jogos. Mas, oculto ao visual, há a cultura imaterial, o como fazer, o quando fazer, o quanto fazer, que não se percebe. Há a vontade dos indígenas mostrarem e "manterem" a cultura, as tradições, os valores, o "resgate" cultural, e tornarem-se visíveis para uma sociedade que não os reconhece e que acreditava no desaparecimento deles (FERREIRA *et al*., 2008).

Diante disso, os conteúdos baseados na cultura indígena podem estabelecer uma relação com a Educação Física escolar, com o intuito de promover conhecimento e respeito às diferenças etnoculturais. Os educandos, ao vivenciarem as práticas dos povos

indígenas e conhecerem a forma como esses povos vivem, podem reconstruir os conceitos existentes sobre esta população. Entendemos que muitos jogos, brincadeiras e danças dos povos indígenas são manifestações humanas que não foram esportivizadas e, justamente por não serem permeadas pela ideologia capitalista, devem servir de base para a utilização e reflexão no ambiente escolar (CORRÊA, 2010).

O acesso da comunidade escolar ao elemento da cultura corporal indígena poderá contribuir para que o mesmo seja transmitido de geração para geração não perdendo suas características e identidade com o passar do tempo. Outro aspecto, também necessário de ser considerado, é que ainda há poucos estudos no meio acadêmico acerca das práticas corporais indígenas. De qualquer modo, ainda que seja reduzida a produção acadêmica sobre as práticas corporais indígenas, o que dispomos sobre danças, jogos e brincadeiras, presentes na cultura indígena, apresenta-se como um rico conhecimento a ser trabalhado nas aulas de Educação Física (FASSHEBER, 2010).

Em outras palavras, o mundo do movimento são os saberes da Educação Física. Todos os povos se movimentam, caminham, correm, saltam, rolam ou praticam esportes, mas também, os povos, se relacionam. A este conteúdo cultural corresponde às formas de movimentar-se, caracterizando assim uma cultura de movimento. Nesse sentido, esse conceito de cultura de movimento pode ser considerado como o critério organizador do conhecimento da Educação Física e refere-se às relações existentes entre essas formas de se movimentar e a compreensão de corpo de uma determinada sociedade, comunidade, de uma cultura (MENDES; NÓBREGA, 2009).

Assim, observamos mediante o exposto até o momento que o ensino da cultura e da história dos povos indígenas no âmbito escolar, tem legitimidade em ministrar os mesmos nas aulas de

Educação Física. Tal conteúdo propicia saberes e aprendizagens que possibilitam diferentes formas de movimentos com o outro, com a natureza e com a construção dos próprios brinquedos. Ou seja, os Jogos Indígenas além de sua legalidade, formam um conteúdo legítimo, oriundo dos povos e comunidades tradicionais do nosso país, fortalecendo a construção do currículo como sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades no contexto das relações de poder, dessa forma, a crítica curricular torna-se, assim, legitimamente também uma crítica cultural (SILVA, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo, foi possível compreender que as práticas corporais indígenas tradicionais constituem importantes possibilidades de conhecimento para a Educação Física escolar, podendo ser ressignificadas e incorporadas ao ambiente escolar de maneira contextualizada. A inserção dessa temática possibilita ampliar a compreensão dos estudantes sobre diferentes formas de vivenciar o corpo, o movimento, os jogos e as brincadeiras, reconhecendo que essas manifestações também expressam conhecimentos, valores, histórias e modos de vida construídos culturalmente.

A temática da cultura indígena apresenta-se como um assunto relevante para o currículo escolar, especialmente por estar relacionada a uma perspectiva intercultural comprometida com a valorização dos diferentes grupos sociais. Nesse contexto, a escola constitui um espaço importante para o desenvolvimento de ações que promovam o respeito à diversidade e possibilitem aos estudantes conhecer diferentes manifestações culturais. A Educação Física, por trabalhar diretamente com práticas corporais, possui potencial para contribuir significativamente com esse processo.

A análise realizada também permitiu perceber que o ensino da cultura indígena nas aulas de Educação Física pode contribuir para a desconstrução de preconceitos e estereótipos ainda presentes na sociedade. Muitas vezes, os povos indígenas são representados de maneira generalizada e distante de sua diversidade cultural. Dessa forma, abordar suas práticas corporais de maneira contextualizada pode favorecer uma compreensão mais ampla sobre esses povos, valorizando seus conhecimentos e possibilitando aos estudantes desenvolverem atitudes de respeito diante das diferenças culturais.

A abordagem da temática etnocultural, portanto, constitui um conhecimento relevante a ser explorado nas aulas de Educação Física, podendo ser articulada aos demais conteúdo da cultura corporal. Os jogos, as brincadeiras e outras práticas corporais indígenas podem proporcionar experiências de aprendizagem que envolvam não apenas aspectos motores, mas também dimensões sociais, culturais e cognitivas. Quando planejadas de forma adequada, essas práticas podem favorecer a participação dos estudantes e ampliar suas possibilidades de aprendizagem.

Nesse sentido, a cultura indígena como possibilidade pedagógica para as aulas de Educação Física proporciona aos educandos experiências que ultrapassam os aspectos exclusivamente físicos e técnicos. Sua abordagem pode estimular valores como respeito, cooperação, valorização cultural e reconhecimento da diversidade, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes. Para isso, torna-se importante que o professor esteja aberto à ampliação dos conteúdos e das estratégias metodológicas, buscando proporcionar experiências educativas relacionadas a diferentes culturas e manifestações corporais.

Por fim, destaca-se a importância de que a cultura indígena seja trabalhada de maneira contínua, crítica e contextualizada, evitando abordagens superficiais ou restritas a momentos específicos do calendário escolar. A Educação Física pode contribuir para uma

formação mais plural ao reconhecer e valorizar diferentes formas de expressão corporal e cultural. Espera-se, assim, que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre a temática e incentive novas práticas pedagógicas e pesquisas que fortaleçam a presença dos conhecimentos indígenas no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. S. C. "A Educação Física no Projeto de Autoria da Comissão Pró-Índio do Acre". *In*: GRANDO, B. S. (org.). **Jogo e Culturas Indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: Editora da UFMT, 2010.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. "O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais". **Gestão e Sociedade**, vol. 5, n. 11, 2011.

CORRÊA, D. A. "Brincadeiras indígenas Kalapalo: a abordagem da diversidade etno-cultural na educação física escolar". **Lecturas: Educación Física y Deportes**, n. 139, 2010.

DAOLIO, J. "Educação Física Escolar: em busca da pluralidade". **Revista Paulista de Educação Física**, vol. 10, n. 2, 1996.

FASSHEBER, J. R. M. **Etno - desporto indígena**: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

FERREIRA, M. B. R. *et al*. "Jogos e Esportes em Sociedades Indígenas: Kaingang e Kadiwéu". **Anais da VI Semana de Alfabetização – Alfabetização e Desenvolvimento Humano**

Educação de Jovem e Adulto "EJA e Cultura Local". São Paulo: Unesp, 2008.

FONSECA, M. P. S.; RAMOS, M. M. R. "Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar". *In*: PONTES JUNIOR, J. A. F. (org.). **Conhecimentos do professor de educação física escolar**. Fortaleza: Editora da UECE, 2017.

MENDES, M. I.; NÓBREGA, T. P. "Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura". **Revista Pensar a Prática**, vol. 12, n. 2, 2009.

NEIRA, M. G. **Educação Física Cultural**: inspiração e prática pedagógica. Jundiaí: Editora Paco, 2018.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. " Educação Intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro". **Pensar a Prática**, vol. 14, n. 2, 2011.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. "Educação Física e diversidade cultural: um diálogo possível". **Conexões**, vol. 5, n. 2, 2007.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. " Educação Física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade". **Movimento**, vol. 16, n. 1, 2010.

PINTO, L. M. S. M. "Lazer e Educação: desafios da atualidade". *In*: MARCELLINO, N. C. (org.). **Lazer e Sociedade**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

TASSINARRI, A. "Prefácio". *In*: GRANDO, B. S.(org.). **Jogo e Culturas Indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: Editora da UFMT, 2010.